



synergia
SOCIOAMBIENTAL

MEMBER OF
EPF

CACAU DA TERRA DO MEIO

Ancestralidade e alma do Xingu

APRESENTAMOS

O **Cacau da Terra do Meio**, amêndoas de qualidade produzidas dentro de uma extensa área **protegida na Amazônia, na Estação Ecológica Terra do Meio**, que circunda a bacia do rio Iriri, no Médio Xingu, no Pará.

Sabor, ancestralidade, respeito, tradição e história estão na essência desse produto, **fruto do trabalho de comunidades tradicionais em meio a um mosaico de áreas protegidas.**



O CACAU DA TERRA DO MEIO

Impulsiona a economia da floresta, gerando impactos positivos no **desenvolvimento local** e na sociobiodiversidade da Amazônia. É produzido e comercializado por produtores e produtoras que têm intimidade e prezam pelo **respeito com a floresta** em pé e os rios fluindo.

Com o apoio técnico-comercial da Synergia Socioambiental, esse produto está sendo levado para os grandes centros urbanos para alcançar o consumo de brasileiros e brasileiras, na forma de produtos de chocolate com alma e ancestralidade do Xingu.

Alma e ancestralidade alinhavadas pelo fio da história da região e das famílias produtoras do Cacau da Terra do Meio.



De onde falam as famílias que produzem o Cacau da Terra do Meio?

Falam de uma região extremamente conservada, com segmentos florestais íntegros: a Estação Ecológica Terra do Meio, situada ao longo da bacia do rio Iriri, um dos principais afluentes do rio Xingu em seu curso médio. Trata-se de uma unidade de conservação criada em 2005 e gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). O fato de estar conservada não diminui sua vulnerabilidade em relação à segurança, já que sofre forte pressão de desmatamento ilegal, garimpo e extração ilegal de madeira.



A ESEC Terra do Meio é a segunda maior unidade de conservação do Brasil, com mais de **3,3 milhões de hectares**, área maior do que o estado de Alagoas.

Quando instituída, essa unidade de proteção integral com presença de habitantes tradicionais sugeria contradição e incompatibilidade. Porém, estudos realizados pelo Ministério Público Federal apontaram a compatibilidade dos **modos de vida ribeirinhos com a proteção da floresta**. Mais do que isso, a história vem nos contando que foi a presença destas populações tradicionais que freou o ímpeto da grilagem e desmatamento na região. Hoje, esses povos ribeirinhos produtores de cacau são considerados verdadeiros **guardiões da floresta**.

A cultura e o modo de vida ribeirinho, bem como os arranjos produtivos e o apoio técnico dedicado aos produtores e produtoras de cacau compõem o enredo dessa história.

ESEC TERRA DO MEIO



**MAIOR
UNIDADE DE
CONSERVAÇÃO
DO BRASIL**

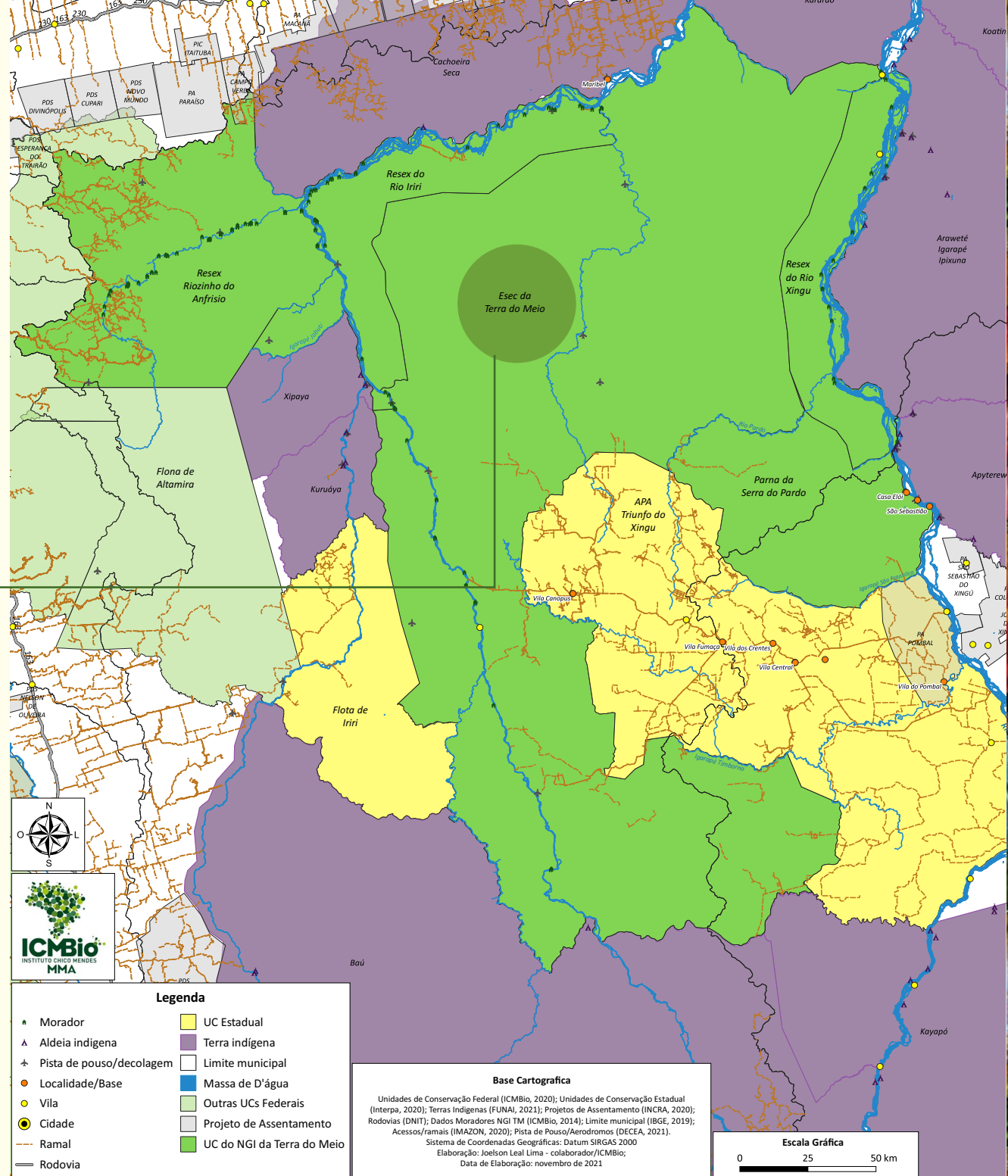
**3.3 milhões
de hectares**

Núcleo de Gestão Integrada da Terra do Meio

ESTADO DO PARÁ

ESEC Terra do Meio

O cacau nasceu aqui! Hoje, é uma cadeia produtiva que promove a conservação dos ambientes que lhe deram origem, uma vez que o cacaueiro (*Theobroma cacao*) é originário da chuvosa e extensa bacia do rio Amazonas.



Cultura e modo de vida ribeirinho: ancestralidade do Cacau da Terra do Meio

As famílias que produzem o Cacau da Terra do Meio são ribeirinhas, descendem das primeiras populações não indígenas a ocupar a região no início do século XX.

Seus pioneiros eram migrantes de diversas regiões do país, em especial o Nordeste, que foram para a região trabalhar na cadeia da seringa, os chamados exércitos da borracha.



As memórias deste tempo ainda são muito vivas entre os moradores mais velhos. Trabalhar com eles é dialogar com a história a todo momento: cada lugar, cada curva do rio, cada capoeira antiga onde o cacau é reintroduzido, é envolto em inúmeras narrativas e significados. **É como se o sabor do Cacau da Terra do Meio fosse um sabor de história**, curtido tanto nos cochos de fermentação quanto nos momentos de conversa entre produtores e equipes de apoio técnico.

A economia ribeirinha, em torno da qual estas famílias estruturam seu calendário, se baseia tradicionalmente na coleta e comercialização da castanha, nas roças familiares e na pesca de subsistência. De seus roçados saem a base de sua alimentação, complementada com o peixe, a caça esporádica, a farinha e o milho, eventualmente comercializados.

Embora a natureza ao redor seja pujante e garanta ofertas de alimentação aos ribeirinhos, a grande distância de núcleos urbanizados impõe dificuldades para a geração de renda e para o acesso a produtos da cidade. A renda oriunda da cadeia da castanha é importante, mas insuficiente. Assim, a cultura do cacau entre as famílias ribeirinhas é complementar à cadeia da castanha e caminha para tomar o posto de fonte de renda central. Seus calendários, inclusive, são articulados, sendo a safra da castanha localizada entre janeiro e março e a do cacau entre maio e junho.



Arranjo produtivo possível na Terra do Meio

O modo de vida ribeirinho tem como característica a autonomia produtiva e social das famílias, que moram afastadas uma das outras, em uma forma específica de vida comunitária. Nesta forma de organização, cada família produz e vende também de forma autônoma.

Ao longo das últimas duas décadas, porém, foi estruturada na região a Rede de Cantinas da Terra do Meio, articulando o comércio de castanha-do-pará de forma integrada. **Esta integração favoreceu um comércio da castanha em maior escala** e viabilizou um contrato com uma empresa produtora de pães, que hoje se abastece de castanhas por meio da Rede.



O sucesso desse arranjo produtivo da castanha-do-pará serviu de inspiração para o Cacau da Terra do Meio. Ao articular os/as produtores/as para a coletivização de suas produções, foi possível estruturar os demais passos da cadeia.

É aqui que a **Synergia Socioambiental** atua, em parceria com o **ICMBio**, apoiando essas comunidades ribeirinhas para sua autonomia produtiva. Esse apoio começa com a assistência técnica do cultivo, passa pelas etapas de armazenamento e transporte e segue até o grande desafio, que é o escoamento da produção dessas famílias.



**UNIÃO DE SABERES:
ANCESTRALIDADE E TÉCNICAS
MODERNAS LADO A LADO**

A conexão entre a lavoura cacaueteira da Terra do Meio e a conservação da floresta é concreta e direta. Somente as famílias que habitam a região, e atuam como protetores da floresta, são capazes de reproduzir os modos de vida que acolhem saberes e conhecimentos necessários para o futuro da gestão deste ambiente. **O desenvolvimento socioeconômico dessas famílias reverbera na região** como exemplo, como prática possível a inspirar outras pessoas, que muitas vezes só encontram alternativas em cadeias ilegais.

Essa conexão é extremamente presente e necessária na região do Médio Xingu, caracterizada hoje como **um hotspot da sociobiodiversidade:** área com grande biodiversidade, rica em espécies endêmicas e severamente ameaçada pelo aumento do desmatamento nos últimos anos.



A Synergia Socioambiental presta assistência técnica para oito produtores/as da região, orientando cada família sobre melhores práticas para podas, controle de pragas e doenças, manejo de solo, sombreamentos, colheita e pós-colheita, incluindo a estruturação de cochos de fermentação e barcaças de secagem para melhoria da qualidade do cacau. Essa assistência técnica tem caráter intercultural, dada a especificidade da população ribeirinha, até então pouco acostumada com uma lavoura tão exigente como a do cacau.

Essa união de saberes - Synergia e povos da floresta - fortalece o Cacau da Terra do Meio como produto de qualidade diferenciada, produzido pelas mãos de pessoas com histórias inspiradoras, apresentadas a seguir.



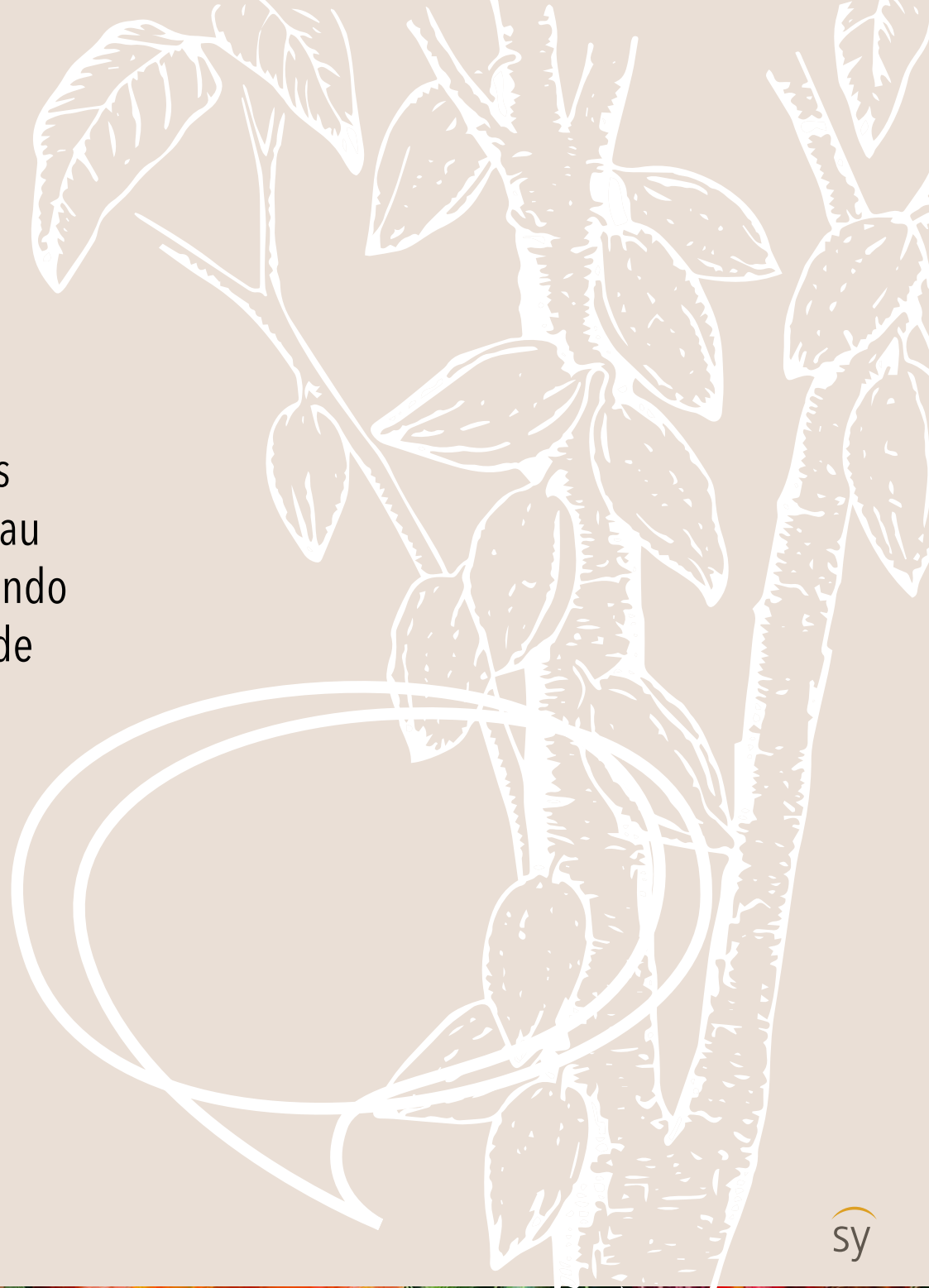


**8 HISTÓRIAS
PARA CONHECER A
TERRA DO MEIO**

Todas as famílias produtoras do Cacau da Terra do Meio têm suas residências e lavouras localizadas em áreas de extensas e conservadas florestas.

A vulnerabilidade dessas famílias diante de poucas políticas públicas perde força na medida que o cacau se consolida como fonte de renda efetiva, melhorando suas condições de vida e afastando essas famílias de cadeias ilegais e danosas à natureza.

Conhecer a história de vida de cada uma dessas famílias, que muitas vezes se cruzam por laços de sangue, outras pela vizinhança de gerações, é uma forma de ingressar em um universo de intimidade com essa floresta que depende do respeito humano para se manter em pé.



Domingas e Raimundo Nazário

Raimundo e Domingas moram numa localidade que nomearam Império Sorriso Bonito. Faz sentido, já que o riso fácil e a piada sempre na ponta da língua são marcas registradas de Raimundo. Com bom humor, ele conta que morava próximo ao alto Iriri e que, depois da chegada do ICMBio, foi chegando mais perto dos/as demais moradores/as. Também foi devagar que ele foi demonstrando confiança às explicações dos técnicos da Synergia. No começo da assistência técnica, Raimundo era mais quieto, parecia desconfiado, dava a entender que não estava muito de acordo com o que ouvia. Mas, por ter muito conhecimento da roça, do solo e do ambiente ao redor, entendeu rapidamente as instruções e pegou o jeito do cacau. Os 2.700 pés plantados crescem com vigor em Sorriso Bonito, o império dos otimistas Raimundo e Domingas, e devem gerar 250 quilos de colheita em 2023.



Império Sorriso Bonito, às margens do Iriri: aqui está a lavoura do Cacau da Terra do Meio, do casal Domingas e Raimundo Nazário, que deve gerar 250 quilos do produto em 2023.

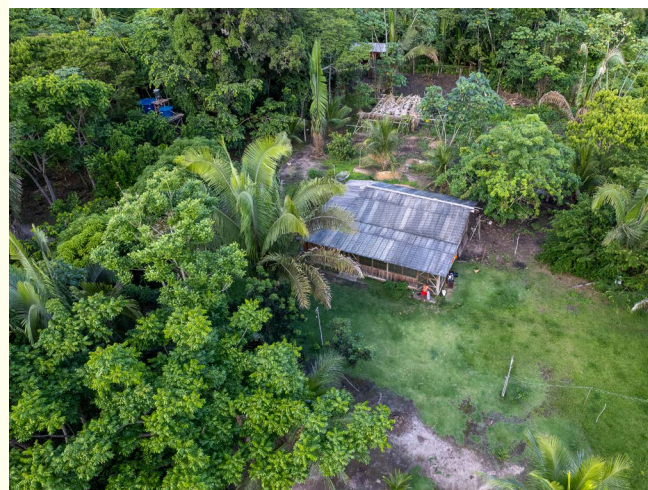


2.700 PÉS CRESCENDO COM VIGOR EM SEU IMPÉRIO SORRISO BONITO



Marilene e Rosinaldo Gomes (Branquinho)

Rosinaldo e Marilene têm 5 mil pés de cacau plantados em sua lavoura. Conhecido pelo apelido de Branquinho, em função de sua cor de pele muito clara, Rosinaldo é filho de Raimunda Gomes, a moradora mais idosa da ESEC Terra do Meio. História é o que não falta à família Gomes, que cultiva sua roça com apreço aos detalhes e seguindo à risca as orientações técnicas que recebem para aplicar em seus 5 mil pés plantados. O resultado disso será percebido na colheita de 2023, prevista com otimismo pela família de atingir cerca de duas toneladas do produto.



Marilene, Branquinho e seus filhos conduzem sua lavoura de 5 mil pés de Cacau da Terra do Meio.

VISTA PARCIAL DA LAVOURA CACAUEIRA DA FAMÍLIA GOMES, COM EXPECTATIVA DE COLHEITA DE DUAS TONELADAS DO PRODUTO.

Benedito Gomes (Benê)

Benê também é filho de Raimunda Gomes, a moradora mais idosa da ESEC Terra do Meio. Bom contador de história, relembra com detalhes quando quase morreu em um ataque de onça na beira do Rio Iriri. Diz que gosta de trabalhar sozinho na roça ou nos piques de castanha, embora os vizinhos sempre o alertem dos perigos de estar sozinho nessa região onde há muitas onças. Sua roça fica mais distante da beira do rio, a cerca de 2 km por um caminho que, na estação chuvosa, se percorre de canoa mata adentro. Sua roça é nova, tem cerca de 2 anos, e Benê está animado em fazer novos plantios com as técnicas de sombreamento que aprendeu nas sessões de assistência técnica. Benê tem se dedicado bastante ao cacau e tem expectativas de ótima colheita esse ano.



Benê Gomes e sua família cultivam o Cacau da Terra do Meio a cerca de 2km de distância do rio Iriri.

BENÊ GOMES UTILIZA A TÉCNICA DE SOMBREAMENTO PARA GARANTIR QUALIDADE DO PRODUTO

Cleonice e José Gomes (Zé Boi)

José Gomes, conhecido por Zé Boi, é a principal referência entre os moradores da Estação Ecológica Terra do Meio. Morador mais antigo, conhecedor de toda a história da região, já viu muita coisa, acumula muita história e sabedoria. Foi caçador e seringueiro, andava pela floresta e rios num tempo em que não havia nenhum tipo de motor. Seu apelido deve-se à sua força física, capaz de carregar grandes quantidades de castanha, ainda hoje, se for preciso.

Zé Boi e sua esposa, Cleonice (Nicinha), inspiram os moradores da região pela disposição em aprender e investir em sua roça, cuidando do futuro de seus filhos, noras e netos/as que vivem ao redor de sua propriedade, hoje com 9 mil pés de cacau e uma expectativa de colheita de 2,5 toneladas em 2023



ZÉ BOI E NICINHA VIVEM RODEADOS POR FILHOS, NORAS E NETOS/AS



Com 9 mil pés de cacau, a safra de 2023 da lavoura cacauieira de Zé Boi está prevista para 2,5 mil quilos

Naldo e Francisca

Naldo e Francisca são mais um elo da família de Zé Boi e Nicinha. Francisca herdou a capacidade de trabalho de seus pais e contagiou o marido Naldo, que possui talento também de carpinteiro. Naldo é constantemente chamado a construir casas para seus vizinhos, o que também ocorre com outros produtores que recorrem a ele para construção de barcaças e cochos para a produção do cacau. Sua roça cacaveira não é das maiores, tem cerca de 3.500 pés plantados, mas sua expectativa de colheita para 2023 é otimista: 250 quilos de Cacau da Terra do Meio.



A roça cacaveira de Naldo e Francisca às margens do rio Iriri tem expectativa de produzir 250 quilos de Cacau da Terra do Meio em 2023.

NALDO E FRANCISCA DURANTE GRAVAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O POTENCIAL PRODUTIVO DA REGIÃO



Maria e Roberto Gomes (Tijubina)

Maria e Tijubina são agricultores incansáveis e considerados os maiores entusiastas da cultura do cacau na ESEC Terra do Meio. Não é raro encontrar Tijubina vendendo seus sacos de farinha e de milho para gerar renda e investir na cultura do cacau, pois vê nela a oportunidade de melhorar as condições de vida de sua família. O casal tem 5 mil pés de cacau plantados e um planejamento consistente para aumentar sua colheita ano a ano.



Às margens do rio Iriri, Maria e Tijubina plantaram 5 mil pés de Cacau da Terra do Meio.



MARIA E TIJUBINA SÃO ENTUSIASTAS E INVESTEM NA PRODUÇÃO DO CACAU DA TERRA DO MEIO



Chiquinha e Zé Mineiro

Chiquinha, filha de Maria, já falecida, é irmã de Tijubina e Tica. Os três irmãos moram próximos, em Sítio Novo, região mais acima do rio Iri. Zé Mineiro é marido de Chiquinha e, como costuma dizer, traz o "mineirês" em sua personalidade: conversa tranquila, hospitaleiro e muito trabalhador. Já Chiquinha, de personalidade forte, é o tipo de mulher que conversa olhando nos olhos, exprimindo sinceridade e descontração. Costuma receber o técnico da Synergia com bom humor: "que bom ter você aqui, homem de deus", diz ela já listando suas dúvidas sobre a plantação. A roça cacauieira de Zé Mineiro e Chiquinha guarda memórias dos tempos da matriarca, Maria, que já se aventurava na cultura do cacau mesmo antes da região assumir essa vocação. Atualmente, Zé Mineiro e Chiquinha têm 4 mil pés de cacau plantados e uma expectativa de safra de 250 quilos em 2023.



**ZÉ MINEIRO
E CHIQUINHA
HONRAM A
HERANÇA DE
MARIA, QUE JÁ
SE AVENTURAVA
NO PLANTIO
DE CACAU
DÉCADAS ATRÁS**



A lavoura cacauieira de Zé Mineiro e Chiquinha tem expectativa de colheita de 250 quilos em 2023.

Tica e Edson (irmão)

Tica é irmã de Chiquinha e de Tijubina, casada com Edson, que é conhecido como Irmão. Articulador nato, Irmão sempre consegue atingir o entendimento entre as pessoas, pois é habilidoso na arte de dialogar. Os dois cuidam juntos de sua roça de cacau e aproveitam cada segundo da assistência técnica para tirar dúvidas e entender o processo. Tica gosta de lembrar que, no início, resistia ao uso da técnica de poda do cacau, pois "dava dor no coração". Depois, ao ver como a planta reagia às podas, mudou de opinião e entendeu que era para o bem de sua roça. Este ano de 2023, o casal está com expectativa de que seus 5 mil pés plantados gerem uma safra de cerca de 400 quilos de Cacau da Terra do Meio.



TICA E IRMÃO CUIDAM DE 5 MIL PÉS DE CACAU E ESPERAM COLHER, EM 2023, 400 QUILOS DO PRODUTO



Esta apresentação foi desenvolvida pela Synergia Socioambiental.
Fotos: Thiago Borazanian/Synergia Socioambiental



Assistência Técnica:

